

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS CAMPUS SOROCABA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**Desiree Iasmin Cristiana Pereira Sudo**

**Reflexões sobre a opressão do corpo da criança pequena na Educação Infantil**

**Sorocaba**

**2024**

Desiree Iasmin Cristiana Pereira Sudo

**REFLEXÕES SOBRE A OPRESSÃO DO CORPO DA CRIANÇA PEQUENA NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE), da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi.

Sorocaba  
2024

Sudo, Desiree Iasmin Cristiana Pereira

Reflexões sobre a opressão do corpo da criança pequena na educação infantil / Desiree Iasmin Cristiana Pereira Sudo -- 2024. 33f.

TCC (Graduação) – Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador(a): Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Banca Examinadora: Andrezza Campos Moretti, Rafael Romeiro Doin  
Bibliografia

1. Educação Infantil. 2. Movimento. 3. Disciplinamento. I. Sudo, Desiree Iasmin Cristiana Pereira. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano  
CRB/8 6979



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA CCPedL-So/CCHB**  
Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780 Telefone: (15)  
32295978 - <http://www.ufscar.br>  
DP-TCC-FA n° 8/2024/CCPedL-So/CCHB  
**Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)**  
**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**DESIREE IASMIN CRISTIANA PEREIRA SUDO**

**REFLEXÕES SOBRE A OPRESSÃO DO CORPO DA CRIANÇA PEQUENA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Trabalho de Conclusão de Curso Universidade Federal de São Carlos - campus Sorocaba**

Sorocaba, 25 de janeiro de 2024

**ASSINATURAS E CIÊNCIAS**

Cargo/Função	Nome Completo
Orientadora	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi
Membro da Banca 1	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Andrezza Campos Moretti
Membro da Banca 2	Prof. M.e Rafael Romeiro Doin



Documento assinado eletronicamente por Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, Professor(a), em 25/01/2024, às 16:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador 1338136 e o código CRC 3D3E3F19.

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.000866/2024-34

SEI nº 1338136

Modelo de Documento: Grad: Oefeso TCC: -olho Aprovação, versão de 02/Ago/2019

DocuSigned by:  
*Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andrezza Campos Moretti*

AA7C53D3B1F4E1...

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andrezza Campos Moretti

DocuSigned by:  
*Rafael Romeiro Doin*

26B500F22F2C43F...

Rafael Romeiro Doin

[https://sei.ufscar.br/sei/controlador.php?acao=documento\\_imprimir\\_web&acao\\_origem=arvore\\_visualizar&id\\_documento=1495280&nfra\\_sistem...](https://sei.ufscar.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=1495280&nfra_sistem...)

## **DEDICATÓRIA**

*Aos meus filhos Thomaz, Sophie, Dante e Sophie Akemi que, independentemente do tempo que tivemos juntos, sempre foram fonte de inspiração para que eu não desistisse.*

## AGRADECIMENTO

A minha mãe que sempre me motivou a estudar, me ensinou os prazeres da leitura, fez o impossível para criar a mim e meus irmãos e, durante minha graduação, cuidou de mim e do meu filho Thomaz para que eu pudesse concluir essa etapa da minha vida.

Aos meus filhos Thomaz e Sophie Akemi por, mesmo sem saber, me motivaram a cada dia a conquistar meus sonhos e ser alguém melhor.

Aos (às) colegas da turma Pedagogia 013 e também das outras turmas do curso de Pedagogia que me auxiliaram tanto nessa trajetória.

Ao meu companheiro que sempre teve paciência, me incentivou a buscar meus objetivos e acreditou que eu conseguiria.

A minha psicóloga que me ajudou a focar neste trabalho.

A minha orientadora que teve tanta paciência com minha pessoa, acreditou que eu seria capaz mesmo quando eu duvidava de mim mesma, e possibilitou a conclusão de algo que temi por muito tempo.

Às minhas colegas de trabalho que me incentivaram a correr atrás de uma vida melhor.

Aos (Às) docentes da graduação que compartilharam seus conhecimentos.

Ao(À) examinador(a) da Banca de Defesa, Andrezza Campos Moretti e Rafael Romeiro Doin, pela generosidade em fazer a leitura do meu trabalho e contribuir com meu crescimento.

*“O pai espiritual do homem que eu sou é a criança que eu fui”*

José Saramago (Aguilera, 2010, p. 28)

## RESUMO

SUDO, Desiree Iasmin Cristiana Pereira. Reflexões sobre a opressão do corpo da criança pequena na Educação Infantil. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba. Sorocaba, 2024.

Este trabalho de conclusão de curso discute o disciplinamento corporal destinado às crianças pequenas no contexto da Educação Infantil, com destaque especial para a creche. A pesquisa, que foi realizada por meio de revisão bibliográfica e estudo de campo, examina a temática a partir da experiência pessoal e profissional da autora, que constatou que crianças muito pequenas são frequentemente restringidas em sua liberdade de movimento na escola, seja por meio de normas e punições, seja pela organização dos espaços e dos tempos. O estudo ressalta a importância fundamental do brincar para o desenvolvimento físico, motor, cognitivo e emocional das crianças, pois permite que elas explorem a si mesmas, os ambientes, as materialidades, as relações e, assim, construam conhecimento, identidade e exercitem autonomia. A pesquisa verificou que o disciplinamento corporal pode ter consequências adversas para o desenvolvimento infantil, incluindo problemas comportamentais, dificuldades de aprendizagem, baixa autoestima e complicações de saúde física e mental. Enfatiza-se a necessidade premente de uma revisão na organização e oferta da Educação Infantil para crianças muito pequenas, reconhecendo a necessidade de movimento das crianças. Propõe-se a criação de um ambiente escolar acolhedor das infâncias, que permita às crianças se expressarem livremente, inclusive por meio do movimento corporal.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Criança. Corpo. Disciplinamento. Movimento



## ABSTRACT

SUDO, Desiree Iasmin Cristiana Pereira. Reflections on the oppression of the young child's body in Early Childhood Education. 2024. Undergraduate thesis (Degree in Pedagogy) - Federal University of São Carlos *campus* Sorocaba. Sorocaba, 2024.

This Undergraduate thesis discusses addresses the corporal disciplining of young children in the context of Early Childhood Education, with special emphasis on daycare center. The research, which was carried out through a bibliographical review and field study, examines the topic based on the author's personal and professional experience, which found that very young children are often restricted in their freedom of movement at school, whether through norms and punishments, whether through the organization of spaces and times. The study highlights the fundamental importance of playing for the physical, motor, cognitive and emotional development of children, as it allows them to explore themselves, environments, materialities, relationships and, thus, build knowledge, identity and exercise autonomy. Research has found that corporal disciplining can have adverse consequences for child development, including behavioral problems, learning difficulties, low self-esteem and physical and mental health complications. The urgent need for a review in the organization and provision of Early Childhood Education for very young children is emphasized, recognizing the need for children to move. It is proposed to create a welcoming school environment for children, which allows children to express themselves freely, including through body movement.

**Keywords:** Early childhood education. Child. Body. Discipline. Movement.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Roteiro para as atividades práticas de estágio.....	20
Tabela 2 – Levantamento bibliográfico na Scientific Electronic Library Online (SciELO) .....	21
Tabela 3 – Levantamento bibliográfico no Repositório Institucional UFSCar.....	22

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

ADE - Agente de Desenvolvimento Educacional

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. CAPÍTULO I. MEMORIAL .....</b>	<b>15</b>
<b>3. CAPÍTULO II. METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
<b>4. CAPÍTULO III. QUADRO TEÓRICO E ANÁLISE DE CENAS PEDAGÓGICAS .....</b>	<b>23</b>
<b>4.1 O DISCIPLINAMENTO DOS CORPOS .....</b>	<b>23</b>
<b>4.2 COMO ACONTECE A OPRESSÃO DO CORPO DA CRIANÇA PEQUENA NA ESCOLA .....</b>	<b>24</b>
<b>4.3 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR E DO MOVIMENTO NA INFÂNCIA .....</b>	<b>28</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>32</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O tema escolhido “Reflexões sobre a opressão do corpo da criança pequena na Educação Infantil” surgiu a partir da minha atuação na Educação Infantil durante meus estágios obrigatórios do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba (UFSCar).

Tive a oportunidade de realizar os estágios curriculares supervisionados em Educação Infantil e em Gestão Educacional em uma mesma unidade escolar, o que me possibilitou acompanhar a rotina da escola por um período relativamente longo.<sup>1</sup> Os estágios obrigatórios (ou estágios curriculares supervisionados) são componentes curriculares direcionados à consolidação dos desempenhos profissionais desejados, inerentes ao perfil do(da) Pedagogo(a), e asseguraram uma experiência importante de exercício profissional, que vale ser analisada.

Durante essa experiência, um ponto que sempre me intrigava era o porquê de as professoras “disciplinarem” as crianças através do impedimento de se movimentarem. Caso uma criança não se comportasse de acordo com o esperado por elas, era retirada da sala e obrigada a sentar-se em um local por um determinado período de tempo, impedida de brincar no parquinho da escola com os demais colegas ou ainda deixada sozinha em uma sala. Presenciei também, crianças de três e quatro anos sendo mandadas para a diretoria da unidade pois, segundo as professoras, estavam “atrapalhando a aula”.

Esses eventos despertaram em mim a questão de como essas atitudes impactariam nas vidas dessas crianças naquele momento e no futuro, crianças tão pequenas que acabaram de iniciar sua vida escolar. Quais seriam as consequências futuras dessa opressão?

Como afirmam Dijnane Iza (2003) e Dijnane Iza e Maria Aparecida Mello (2009), um dos grandes problemas na Educação Infantil é focar demais na escolarização das crianças o que reflete em uma imposição de posturas e movimentos aos seus corpos, as impedindo de brincar: ação esta que é a mais importante nessa faixa etária, já que, por meio dela, a criança aprende e se desenvolve.

As autoras também citam a concepção enraizada em nossa cultura escolar de que a criança, para estar atenta à professora, necessita estar sentada, sem se mover como se isto fosse uma forma “demonstrar presença” e não ser repreendida. Ainda sobre a ideia de ordem no

---

<sup>1</sup> A partir de 2022 o curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba teve atualização do Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Sendo ingressante em 2013, cumpri os estágios obrigatórios do curso com base no PP anterior (de 2009). É possível acessar ambos os PPCs no site <https://www.prograd.ufscar.br/cursos/cursos-oferecidos-1/pedagogia/sorocaba>

ambiente escolar, Santos e Lira (2021, p. 915) pontuam sobre como “o esforço em manter a ordem e conseguir o domínio sobre o corpo se justificam em nome do futuro brilhante que esperaria as crianças, ou seja, não olhamos para a criança pelo que ela é, mas nutrimos a promessa do vir a ser, atropelando a infância com as exigências adultas.”

Por meio deste trabalho observa-se a importância de desconstruir ideias de controle dos corpos das crianças bem pequenas na Educação Infantil, para que elas possam vivenciar de fato, o seu direito a uma infância sem imposições ou limitações de se movimentar, com exploração, curiosidade e alegria das descobertas.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. O primeiro apresenta meu memorial, que revela caminhos que percorri até chegar à inquietação que gera a presente pesquisa. O segundo traz os caminhos metodológicos. O terceiro capítulo apresenta o quadro teórico da investigação e as observações pedagógicas realizadas no período de Estágio Supervisionado. Por fim, estão as Considerações Finais e as Referências Bibliográficas.

## 2. CAPÍTULO I. MEMORIAL

Por meio deste memorial explano sobre os acontecimentos de minha vida pessoal e acadêmica que me levaram a tratar do tema escolhido para este trabalho. Meu nome é Desiree Iasmin Cristiana Pereira Sudo, nasci em Americana/SP e fui criada na pequena cidade de Tietê/SP na região de Sorocaba.

Passei a minha infância na zona rural da cidade e, por este motivo, não tinha muitas crianças para brincar, já que as casas ficavam há quilômetros distantes umas das outras. Sendo assim, o único momento em que eu interagia com outras crianças e podia brincar com elas era na escola. Não frequentei a creche, mas me recordo de ter ingressado na vida escolar no meio do ano do antigo Pré II, hoje Grupo I da Educação Infantil, com quatro anos, em uma escola municipal onde só havia meninas pois ficava dentro das instalações do Educandário Rosa Mística, um orfanato da cidade administrado pela Congregação Religiosa Católica Irmãs da Providência.

Já naquela época eu estranhava e me questionava sobre as formas de disciplinar as crianças, mesmo sem saber que se tratava disso. Me lembro de uma ocasião na qual uma de minhas colegas de sala, que na época deveria ter entre quatro e seis anos, queria muito ir ao banheiro e mesmo após pedir diversas vezes para a professora lhe foi negado pois esta estava demonstrando algo e a minha colega poderia ir depois. Aconteceu que a criança não conseguiu mais se segurar e acabou urinando em suas roupas. Aquilo me impactou e ficou gravado em minha mente. A vergonha estampada no resto da criança, me marcou.

Ao ir para a primeira série do Ensino Fundamental, me recordo de ter uma professora muito rígida. Com ela também aconteceu de crianças que precisavam ir ao banheiro e acabaram por se aliviarem nas próprias roupas por terem seus pedidos de saída negados. Mas, o que mais me marcou com essa professora, foi que ela fazia duplas de crianças, uma que tinha mais domínio do que era “passado” ou “transmitido” com outra que tinha mais dificuldade em “absorver” as informações. Hoje, enquanto professora, sou capaz de reconhecer que aquela ela uma estratégia da pedagogia tradicional, de pedagogia transmissiva – a qual Paulo Freire (1970) chamou de “educação bancária” – que vê o conhecimento como algo pronto e sem a possibilidade de ser transformado pelas ações das pessoas.

Acontece que eu fazia dupla com um menino muito bagunceiro e que, na minha visão de uma criança de seis anos, não se interessava pela lição. Ao comentar isso com a professora ela me disse que eu deveria torcer a orelha dele toda vez que ele não fizesse a lição e, assim eu fazia, sem compreender a crueldade de minhas atitudes. A violência é arдилosa.

Eu sempre gostei de brincar de escolinha e o “ser professora” foi se fixando em minha mente, principalmente com os exemplos que tive na segunda e na quarta séries do Ensino Fundamental. Como sempre estudei em escolas públicas, faculdades e Universidades não eram temas abordados com estudantes, tanto que conclui o Ensino Médio em 2009 e não tinha planos de cursar o ensino superior e nem sabia como poderia fazer isso.

Em 2012, tive meu primeiro filho, Thomaz, e sua chegada me motivou a buscar uma graduação, principalmente para poder oferecer a ele um futuro melhor. Prestei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) novamente e, ao pesquisar na internet descobri que havia uma Universidade Federal próxima à minha cidade e que era gratuita, algo que pesava muito para mim que morava de aluguel e só tinha um salário-mínimo para manter a casa. Me inscrevi pelo Sistema de Seleção Unificada - SISU ([sisu.mec.gov.br](http://sisu.mec.gov.br)) e qual foi minha alegria ao ser aprovada no curso de Licenciatura em Pedagogia da UFSCar, no ano de 2013.

No ano de 2014, ingressei por meio de um processo seletivo em uma creche de minha cidade para trabalhar como Técnica de Educação Infantil com crianças de um a dois anos. Foi assim que comecei a ter um contato efetivo com a Educação Infantil. Neste tempo também comecei a notar como as crianças bem pequenas eram impedidas em seus movimentos, como elas tinham de sentar, levantar, comer, andar na hora que os profissionais permitiam. Neste mesmo ano prestei concurso para o cargo que estava, que exigia Ensino Médio em seu edital, e me efetivei em janeiro de 2015 no cargo de ADE (Agente de Desenvolvimento Educacional).

O ano de 2015 também foi o ano que gastei minha segunda filha, Sophie, e infelizmente a perdi devido a uma má formação congênita e restrição de crescimento. Essa perda afetou muito minha vida acadêmica, me impossibilitando de frequentar alguns semestres de forma adequada, o que atrasou os meus estágios obrigatórios em relação a grade curricular, mas também me deu um novo olhar para com as crianças que estavam sob meus cuidados.

Em 2018 consegui realizar meu Estágio Obrigatório em Educação Infantil e, por já estar dentro de uma escola, realizei o estágio na mesma escola em que trabalhava, esse tempo a mais na escola e fora da sala em que atuava, evidenciou atitudes para com o disciplinamento das crianças bem pequenas que eu não havia me atentado no meu dia a dia de trabalho, e foram elas que me trouxeram o questionamento de o que poderia acontecer com essas crianças, que marcas poderiam causar em suas vidas.

No início de 2019 realizei o Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Educacional na mesma unidade escolar, o que me permitiu uma observação prolongada e mais questionamentos sobre o disciplinamento dos corpos das crianças. No fim daquele ano tive de me afastar da unidade devido a um quadro de Síndrome do Pânico, Depressão e Transtorno de

Ansiedade Generalizada. Esse quadro se deu devido a um atrito com a direção da escola que, talvez por ironia do destino, foi aquela minha mesma professora do Pré II que colocava minhas colegas de sala em situações vexatórias que tanto me marcaram na infância.

Em 2020 comecei a trabalhar na rede municipal de ensino, em uma escola de Ensino Fundamental II, auxiliando em sala de aula adolescentes com deficiência. As aulas haviam começado em fevereiro, porém, em março, passaram a ser realizadas à distância/de modo online, devido a pandemia do coronavírus (COVID-19), uma infecção respiratória causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2. A doença, altamente transmissível, espalhou-se por todo o mundo. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia e teve início o período de isolamento social com objetivo de inibir a transmissão por pessoas infectadas e a propagação da doença.

Naquele mesmo ano, gastei meu terceiro filho, Dante, que também teve problemas congênitos, e faleceu dois dias após seu nascimento. Essa perda foi mais um empecilho para a conclusão de minha vida acadêmica, e reforçou mais ainda como a vida das crianças e seu bem-estar são importantes para mim.

No ano de 2021 me casei com meu companheiro, que nunca deixou de me motivar a concluir meus estudos. Permaneci trabalhando no Ensino Fundamental II até o ano de 2022, neste ano nasceu minha quarta filha, minha doce Sophie Akemi, que veio para iluminar minha vida e me dar o fôlego que me faltava para concluir este trabalho.

Em 2023 retornei para a Educação Infantil onde permaneço até o momento da escrita deste trabalho.



### 3. CAPÍTULO II. METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como temática principal o disciplinamento dos corpos das crianças bem pequenas na Educação Infantil, principalmente na creche. A questão-problema do trabalho é: Quais as possíveis consequências da opressão e do disciplinamento dos corpos na creche na vida da criança pequena? Para respondê-la, procurei investigar o que é o disciplinamento do corpo, com base em Michel Foucault (2014), e como acontece o disciplinamento dos corpos das crianças bem pequenas na creche. A principal leitura foi a do livro “Vigiar e Punir” de Foucault, somada a outras fontes que surgiram da revisão da literatura (levantamento bibliográfico) como uma primeira etapa do processo investigativo. Após isso, busquei identificar na seleção as contribuições sobre o tema.

Pensando em uma educação que compreenda a criança bem pequena como um ser humano com suas particularidades, detentora de um corpo só seu e que o utiliza para se expressar e adquirir conhecimento, a metodologia abrangeu também as observações feitas de setembro de 2018 a junho de 2019 em uma escola de Educação Infantil municipal da cidade de Tietê/SP.

Com o propósito de contextualização, no município de Tietê/SP as crianças dos Berçários I e II, entre quatro meses e dois anos e seis meses, ficam aos cuidados de ADE - Agente de Desenvolvimento Educacional (ADEs), dois profissionais por período, cargo que exige formação em Ensino Médio. As crianças dos Maternais I e II, entre dois anos e sete meses e quatro anos, ficam aos cuidados de um(a) professor(a) e um(a) ADE por período. As observações foram realizadas e registradas em diário de campo durante 8 meses do período de Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil – de 90 horas – nessa unidade escolar com uma média de 30 crianças.

Mesmo já trabalhando na unidade escolar desde janeiro de 2015 como ADE, com bebês de quatro meses a crianças bem pequenas de até dois anos e seis meses, foi somente por meio do papel de ser estagiária que tive a oportunidade de realmente observar a rotina das crianças na faixa etária referida e notar como era o tratamento das professoras para com essas crianças e o disciplinamento de seus corpos. Isto nos leva a refletir sobre o papel crucial do estágio na formação de Pedagogas(os), enquanto um tempo de contato com a escola diferente do que se tem enquanto profissional. A possibilidade de observar as práticas pedagógicas é maior e isto propicia um enriquecimento das perspectivas sobre as interações entre os sujeitos envolvidos.

Os estágios foram realizados de acordo com a lei do estágio (Lei 11.788/08), publicada em 26 de setembro de 2008, que regula as atividades de estágio em todo o território brasileiro.

O Capítulo I, artigo 1º desta lei, define o que seja o estágio e ressalta que se trata de uma atividade relacionada a educação:

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo do educando que esteja frequentando o ensino regular, em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. § 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando. § 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho. (Ministério do Trabalho e Emprego, 2008, p. 7)

Ao analisar processos de estágio curricular em Educação Infantil do curso de Pedagogia, Luciana Ostetto e Marta Maia (2019) valorizam esta etapa de formação tomando como pressuposto que construir um olhar sensível, comprometido com as crianças, é um imenso e necessário aprendizado para o profissional da Educação Infantil. Estas pesquisadoras afirmam que este é um tempo de imersão para podermos observar, interpelar o real, registrar, para gerar reflexões e análises que rompam com o enquadramento determinista da realidade. Assim a estagiária, que é uma professora em formação, apreende lições sobre o ofício da docência, dentre os quais, conhecer as crianças e formular perguntas sobre a prática pedagógica.

Ostetto e Maia ressaltam o quanto devemos apurar nossos olhares sobre a Educação Infantil quando em situação de estágio e afirmam que o grande desafio é:

Olhar o todo sem se descuidar do particular; olhar as especificidades da Educação Infantil em geral, como primeira etapa da Educação Básica, e de cada instituição em particular em seus contextos; olhar as práticas, os espaços, as relações, as professoras, as crianças; há imensas coisas e aspectos que se olhar! Olhar é, já, um enorme aprendizado no processo de fazer-se profissional. A partir dele, é que pode se dar o envolvimento, por meio do registro, da problematização e da geração de análises que contribuam para cada estagiário e estagiária apreenderem (lições sobre) o ofício da docência, de forma a interpelar o real e não apenas tentar enquadrar o que esteve em seu campo de visão no período. (Ostetto; Maia, 2019, p. 2)

Para a realização do estágio, durante as aulas dessa disciplina, foi nos passado um roteiro que reproduzo na tabela 1.

**TABELA 1 – Roteiro para as atividades práticas de estágio**

<b>Identificação da escola</b>
1 - História da escola.

2 - Descrição da estrutura física da escola / equipamentos / estado de conservação.
3 – Descrição das turmas / alunos atendidos.
4 – Formação dos professores e profissionais que tenham na unidade.
5 – Relação da comunidade com a escola.
6 – Projetos desenvolvidos na instituição.
<b>Tema</b>
O que acha que é mais importante?
O que queremos saber sobre o tema?
Fontes (quem / o que pode nos informar)
O que observar para compreender o tema?
Como observar?

Utilizei meus diários de campo construídos nos anos de 2018 e 2019 para refletir sobre meus olhares inspirados pelos tópicos da Tabela 1, além de percepções e questionamentos que emergiram das observações realizadas na escola. Os diários foram um instrumento de registro do processo de observação e, a partir deles, pude desenvolver análises sobre o tema. Trarei algumas dessas observações ao longo do capítulo III. Sendo assim, essa pesquisa é de abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e com análise de observações em campo.

Após a delimitação do problema de pesquisa e definição das palavras-chave, foram feitas buscas nas seguintes bases de dados: Scielo - Scientific Electronic Library Online (<https://www.scielo.br/>) e Repositório Institucional UFSCar (<https://repositorio.ufscar.br/>). As palavras-chave selecionadas para buscar foram: corpo and educação infantil, disciplinamento and corpo, criança and movimento.

O modelo de tabela usado para a revisão de literatura foi criado em 2012, pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucia Lombardi, orientadora do trabalho, no contexto de estudos sobre metodologia de pesquisa no curso de Licenciatura em Pedagogia, tendo sido modificadas e aprimoradas em discussões sobre o procedimento de revisão bibliográfica no âmbito do Grupo de Pesquisa sobre

Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE).<sup>2</sup>

**TABELA 2 – Levantamento bibliográfico na Scientific Electronic Library Online (SciELO)**

<b>SciELO - Scientific Electronic Library Online</b>			
<b>Palavra-chave</b>	<b>Nº de referências encontradas no total</b>	<b>Nº de referências selecionadas para a pesquisa</b>	<b>Títulos selecionados para a pesquisa</b>
Corpo AND Educação Infantil	41	4	<p>MONCAO, Maria Aparecida Guedes. Cenas do cotidiano na educação infantil: desafios da integração entre cuidado e educação. <b>Educ. Pesqui.</b>, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 162-176, Mar. 2017 .</p> <p>RICHTER, Ana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Momentos do parque em uma rotina de educação infantil: corpo, consumo, barbárie. <b>Educ. Pesqui.</b>, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 673-684, Dec. 2010.</p> <p>RICHTER, Ana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre a tutela dos corpos infantis na rotina alimentar da creche. <b>Cad. Pesqui.</b>, São Paulo, v. 41, n. 143, p. 486-501, Aug. 2011.</p> <p>SAURA, Soraia Chung. O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante. <b>Rev. bras. educ. fís. Esporte</b>, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 163-175, Mar. 2014.</p>
Disciplinamento AND corpo	8	0	
Criança AND movimento	156	2	<p>GUIRRA, Frederico Jorge Saad;            PRODOCIMO, Elaine. Trabalho corporal na educação infantil: afinal, quem deve realizá-</p>

<sup>2</sup> GIAPE: [www.giape.ufscar.br](http://www.giape.ufscar.br)

			<p>lo? <b>Motriz: rev. educ. fis. (Online)</b>, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 708-713, set. 2010 .</p> <p>IZA, Dijnane Fernanda Vedovatto; MELLO, Maria Aparecida. Quietas e caladas: as atividades de movimento com as crianças na Educação Infantil. <b>Educ. rev.</b>, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 283-302, Aug. 2009.</p>
--	--	--	--

**TABELA 3 – Levantamento bibliográfico no Repositório Institucional UFSCar**

<b>Repositório Institucional UFSCar</b>			
<b>Palavra-chave</b>	<b>Nº de referências encontradas no total</b>	<b>Nº de referências selecionadas para a pesquisa</b>	<b>Títulos selecionados para a pesquisa</b>
Corpo AND Educação Infantil	2113	1	OLIVEIRA, Josiane Cristina de. <b>Desde as marcas que carregoo fico pensando:</b> como a escola educa, mas também fere? 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba, Sorocaba, 2019.
Disciplinamento AND Corpo	83	0	
Criança AND movimento	1745	2	<p>IZA, Dijnane Fernanda Vedovatto. <b>Quietas e caladas: reflexões sobre as atividades de movimento com crianças na Educação Infantil.</b> 2003. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.</p> <p>METZNER, Andreia Cristina. <b>Atividades de movimento na Educação Infantil.</b> 2004. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.</p>

## 4. CAPÍTULO III. QUADRO TEÓRICO E ANÁLISE DE CENAS PEDAGÓGICAS

### 4.1 O disciplinamento dos corpos

Michel Foucault (2014) nos auxilia a compreender como se dão os processos de disciplinamento do corpo da criança no ambiente escolar. Em seu livro *Vigiar e Punir*, ao tratar do disciplinamento, ele começa por falar das punições na Idade Média, que eram medidas aplicadas diretamente no corpo físico do sujeito que havia cometido o delito, com o tempo foram surgindo protestos em favor de uma humanização do disciplinamento. Isso acaba por obrigar o Estado a buscar novas formas de punir, objetivando outras distribuições do poder de castigar e uma a punição com um novo sentido na sociedade.

Diante da transformação das formas de punição, Foucault (2014) entende que a punição ainda não se mostrava como a forma mais sofisticada de poder, era necessário que as relações de poder fossem aplicadas com métodos mais eficientes e discretos, que apesar de “reprimir, impedir, excluir, suprimir” ainda assim tivessem “efeitos positivos e úteis”

Foucault (2014), notou que o modelo disciplinar da sociedade situou-se entre os séculos XVII e XIX, sendo que, no século XX atinge seu ápice no momento em que os sujeitos são moldados com o intuito de serem seres dóceis e produtivos. Dessa forma, a disciplina buscava transformar esses sujeitos em “corpos dóceis”, que seriam corpos que podem ser submetidos, utilizados, transformados e aperfeiçoados. Foucault determina como disciplinas os métodos que permitem o controle minucioso das operações dos corpos, que os sujeitam a uma coerção constante e ininterrupta lhes impondo uma relação de docilidade. Com as disciplinas tornando-se, com o passar do tempo, fórmulas gerais de dominação, forma-se uma política de manipulação calculada dos elementos dos corpos, de seus gestos e seus comportamentos.

Aponta ainda que, na Época Clássica, o corpo era como um objeto e alvo de poder, que poderia ser manipulado, modelado, treinado, que obedece, responde, torna-se hábil e cujas forças se multiplicam. Nasce então, uma “Anatomia política” ou também “Mecânica do poder” que define como se ter domínio sobre o corpo dos outros para que, além de que façam o que se quer também operem com as técnicas, rapidez e eficácia desejadas.

Os colégios, as escolas primárias, os espaços hospitalares e mais tarde as organizações militares começam a moldar as pessoas como “corpos dóceis” o que Foucault traduz como:

[...] numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição

(onde a necessidade também é um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. (Foucault, 2014 p.29)

Nas instituições escolares os corpos dóceis são tidos como aqueles corpos que são submissos às regras e comportamentos dos adultos com quem as crianças convivem no ambiente escolar. Aquelas crianças obedientes, que permanecem em seus lugares, não se expressam através de gritos, fazem suas tarefas como pedido e sem questionar.

Santos e Lira (2021, p. 907) apontam para como “a escola, historicamente, foi descrita como uma instituição disciplinar, assentada no controle e na vigilância de comportamentos e pensamentos como formas eficazes de exercício do poder, buscando a (con)formação de corpos dóceis desde a mais tenra idade”.

#### **4.2 Como acontece a opressão do corpo da criança pequena na escola**

A opressão do corpo da criança pequena na escola se dá de várias formas. Durante meu Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil e também no tempo em que trabalhei na Educação Infantil pude ver como as crianças são cerceadas de seus movimentos e condicionadas a agirem somente de uma maneira. Santos e Lira (2021, p. 907) evidenciam em seu artigo a forma como “a cultura escolar impõe um conjunto de recomendações, vigilâncias e investimentos aos corpos e mentes infantis, que se intensificam cotidianamente. ”

Na cultura escolar de nosso país, a criança deve ouvir o(a) adulto(a), compreendê-lo(a) e obedecê-lo(la), deve sentar-se e levantar-se somente quando pedido ou estritamente necessário, deve comer e beber de forma correta e adequada, falar em um tom de voz específico, evitar expressar suas emoções através do choro, aguardar sua vez calma e pacificamente. Em meu estágio presenciei diversos momentos nos quais as crianças queriam ir para a sala de aula ou pátio livremente e eram, a todo momento, puxadas para que entrassem na fila e seguissem a professora de forma ordeira. Quando não eram reposicionadas de forma física vinham as ordens verbais e, às vezes os gritos. Essa forma de ordenamento, por parte da professora, parecia algo corriqueiro na unidade já que, a direção, pelo menos no tempo em que estive na unidade, não se manifestou em contrário.

As crianças, por serem crianças bem pequenas, têm dificuldades em se comportarem do modo que pessoas adultas desejam, já que seus cérebros ainda estão em desenvolvimento elas acabam por se expressarem de formas que, para um adulto, podem parecer uma afronta ou

desrespeito. Como exemplo temos quando a criança quer continuar brincando ao invés de voltar para a sala de aula, quando quer correr, dançar pular ao invés de aguardar parada em pé ou sentada e calada.

Maria Aparecida Guedes Monção (2017) nos aponta que na escola podemos verificar atitudes bastante severas com as crianças. Ela coloca o exemplo de que, durante o momento de higiene, “na maioria das vezes, as crianças ficavam sentadas, encostadas na parede do corredor, aguardando sua vez. As professoras repreendiam constantemente as crianças que se levantavam ou que brincavam nesse momento” (Monção, 2017, p. 166).

Neste exemplo vemos como as crianças são obrigadas a permanecer sentadas mesmo quando queiram expressar-se por meio de seus corpos. Durante o Estágio Supervisionado presenciei diversas vezes situações idênticas às trazidas pela autora, o que demonstra, como não é algo pontual de um ou outro local, mas sim que está enraizado em nossa cultura escolar. Como Maria Aparecida Guedes Monção (2017, p. 168) fala em seu artigo, “as professoras deixavam de olhar as crianças como crianças pequenas, exigindo que elas se comportassem como adultos”.

Sobre a constante necessidade de manter as crianças pequenas sentadas Dijnane Fernanda Vedovatto Iza (2003, p. 59) nos traz que, “parece haver uma ideia de que o movimento das crianças seja desencadeador de desordem e falta de controle da professora sobre as crianças”. Santos e Lira (2021, p. 911), apontam como os “[...] corpos infantis atravessados pelos aspectos sociais, em especial os escolares, cujas práticas potencializam comportamentos desejados, punem os indesejados, promovem adaptações, restrições, num universo em que as relações de poder mostram seu viés proibitivo e produtivo. ”

É sabido o quanto o disciplinamento é cobrado das professoras por seus superiores, seja por parte da coordenação, direção, supervisão pedagógica ou mesmo a Secretaria da Educação, e muitas dessas professoras acabam impondo um disciplinamento maior sobre as crianças, com receio de reprimendas. O ambiente escolar é composto por diversos atores, mas, a maior cobrança recai sobre aqueles que diretamente interagem com a crianças no dia a dia.

Outra forma de opressão ao corpo da criança que se vê corriqueiramente nas escolas é no momento do sono. Neste momento entende-se que todas as crianças devem deitar e dormir, ou, se não dormirem, devem ficar quietas em seus colchonetes a criança estando com sono ou não, querendo deitar ou não, deve obedecer à norma. Como relata Maria Aparecida Guedes Monção (2017, p. 170):

É realmente espantosa a facilidade com que as professoras repreendem e ameaçam as crianças. Parece não haver uma preocupação em tentar



compreender as manifestações infantis. Todas as ações concentram-se no controle e revelam uma compreensão de que situações de transgressões das crianças – nesse caso, não desejar dormir – devem ser resolvidas por meio de punições.

No momento das refeições também se pode observar essa opressão, além das constantes chamadas de atenção, muitas vezes realizadas através de gritos, para que a criança pequena não se suje, faça direito, coma somente com os talheres, sem utilizar suas mãos, beba sem derramar, não brinque durante as refeições, consuma tudo o que foi servido no período de 20 minutos reservados à refeição. Estes exemplos apresentados presenciei durante meu estágio, Ana Cristina Richter e Alexandre Fernandez Vaz (2011, p. 497) trazem outro exemplo desse momento:

Observamos inúmeras ocasiões em que as crianças ingerem, velozmente, porções que lhes são destinadas, mesmo quando verbalizam não sentir fome; também comem vorazmente quando lhes é dito que somente receberão "mais carne se comerem todo o arroz". Ou seja, diante do "perigo" de não receber mais carne, de perder o momento de parque, de permanecer de castigo, os pequenos entregam-se à repetição das ações que lhes são exigidas, adaptando-se à norma ou "engolindo o que deve ser engolido" a fim de obter uma bonificação, [...]

A partir deste relato podemos ver como a criança pequena, em algumas situações, não tem escolha nem sobre como e quanto de alimento irá consumir afinal, como exemplificado, só poderia comer a carne caso comesse todo o arroz do prato, mesmo que sua vontade fosse apenas de comer mais carne. Durante o tempo em meus estágios presenciei momentos parecidos como os narrados pelos autores, as crianças deveriam comer tudo o que estava no prato, o nutricionista da rede municipal de ensino passava para as professoras que, caso a criança se recusasse a comer, estas deveriam forçá-la até que ela comesse, inclusive colocando a comida na boca da criança e obrigando-a a engolir. Não teria a opção de as crianças não comerem, pois precisava-se reduzir o desperdício de comida nas escolas.

Outra forma muito comum de oprimir a criança na escola é o momento do parque. Quando observamos o cotidiano escolar das crianças bem pequenas, vemos que este momento é muito ansiado por elas e, sabendo disso, muitos profissionais usam da ameaça de não permitir que a criança brinque no parque para tentar controlá-la, mantê-la disciplinada. Ana Cristina Richter e Alexandre Fernandez Vaz (2010) nos trazem o que é o parque na educação infantil e como ele pode ser utilizado para disciplinar as crianças:

Contribui para esse fim um ambiente planejado e preparado para abrigar crianças de acordo com a faixa etária, demarcado por cercas, mobiliário, equipamentos, tal como se estrutura uma sala de aula. Conta-se com a presença das crianças no parque em horários definidos, que podem ser

negados aos pequenos como ameaça ou castigo que se concretiza caso "boas condutas" não sejam retomadas. Nesse quadro, podemos dizer que, embora considerado como espaço de criação e liberdade, o parque se coloca como extensão da sala e como estratégia de intervenção para promover a saúde mental e física, sendo os brinquedos determinados por suas funções educativas, classificados com relação à faixa etária, pela função que exercem no desenvolvimento da criança, por sua utilidade pedagógica, além de determinar as formas e possibilidades de realizar os movimentos. (Richter, Vaz, 2010, p. 677).

Como aponta Foucault (2014, p. 29), “[...] ainda que não recorram a castigos violentos [...] mesmo quando utilizam método “suaves” de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata - do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão.” Assim como evidenciam Richter e Vaz (2011, p. 680):

Parece indiferente que essas crianças sejam levadas ao parque de um ambiente educacional ou a qualquer outro estabelecimento, uma vez que ali, naquele espaço, as relações educativas são eclipsadas, com exceção, por certo, de uma certa pedagogia do corpo. Este, perversamente, permanece confinado à supremacia dos espaços, dos olhares e das vozes que determinam onde, como e quando se movimentar; do que se desviar e também com que materiais se relacionar. Mas também é esse um corpo intimidado por meio de castigos, ameaças, premiações, que se estabelecem a partir da apreciação dos atos que se desviam das normas, infundindo temores, corrigindo, disciplinando comportamentos “inadequados”. E, ainda, um corpo-pronunciado: investido por palavras, gestos e expressões faciais, que se colocam como mandatos, ordens enumeradas e/ou informações abreviadas, centralizadas no comportamento tido como adequado; informações que se caracterizam pela privação do diálogo ou, noutros termos, por uma linguagem predominantemente usada como instrumento de controle que se limita à informação, à restrição, à ordenação, à adesão à norma, raramente convergindo para a narrativa, para o pensamento a respeito das ações, enfim, para a revelação das particularidades.

Ou seja, se a criança não se comporta conforme as pessoas adultas imaginam que deva ser e, por meio de seu corpo que ela é disciplinada, neste caso a privando de se expressar livremente com as brincadeiras e movimentos livres no momento do parque, que tentam moldá-la para que se adeque a determinada forma esperada pelas pessoas adultas, professoras e demais membros da equipe escolar.

A opressão do corpo da criança tornou-se algo natural no dia a dia escolar, Josiane Cristina de Oliveira (2019) verificou com suas observações que “há uma “violência velada” na escola que aos poucos vai se consolidando e se tornando rotina na vida escolar e, conseqüentemente, na vida toda do sujeito. E, sem perceber as profissionais vão perpetuando essa violência sem ao menos notar que estão agindo de tal forma. Santos e Lira também nos abordam esse aspecto:

Assim, a considerar as práticas instituídas nas instituições educativas, o corpo-criança é transformado em corpo-aluno. Com o propósito de imobilidade, de um corpo mecanizado, os contextos escolares valorizam a repetição ao invés da criação, o individualismo em oposição às práticas colaborativas, atuando, de modo controlado, sobre os movimentos, mas também nas percepções e modos de aprender da criança. (Santos e Lira, 2021, p. 912)

### 4.3 A importância do brincar e do movimento na infância

O ser humano nasce e já se expressa através do movimento, seu choro é sua forma de comunicação, se colocado sobre a mãe pode encontrar seu caminho até o seio materno e, com o passar do tempo, é através de seu corpo que vai aprendendo, se desenvolvendo e se expressando.

Por esse motivo é importante permitirmos que as crianças, inclusive as crianças bem pequenas, que estão conhecendo o mundo através de suas interações, principalmente as corporais, possam brincar livremente. Cada vez mais estudos provam que a primeira infância, período dos 0 aos 6 anos, é fundamental para o estabelecimento de diversas habilidades.

A brincadeira não serve apenas para entreter. Por meio dela os pequenos “experimentam” o mundo: testam habilidades (físicas e cognitivas); aprendem regras; treinam relações sociais. Isso sem contar que, ao brincar, elas têm a chance de simular situações e conflitos e, assim compreender e organizar as próprias emoções. (Brites, 2020, p. 20)

Por meio da brincadeira os bebês, as crianças bem pequenas e as crianças, exercitam as relações sociais vistas em seu ambiente familiar, de lazer e escolar, trabalham a socialização, aprendem a lidar com as regras, esperar sua vez, respeitar os limites do outro, se autorregular. Ou seja, o brincar não é somente um tempo em que as crianças estão fazendo qualquer coisa, ou uma pausa nos estudos, é uma parte essencial ao desenvolvimento da criança.

Compreende-se o brincar como uma maneira de oportunizar o movimento a fim de que a criança adquira "maior domínio e conhecimento sobre o seu corpo, contribuindo para a promoção do conhecimento de si e do mundo com experiências sensoriais, expressivas, corporais, que possibilitem a movimentação ampla, a expressão da individualidade e o respeito pelos ritmos e desejos da criança", de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil. (Saura, 2014, p.163)

O brincar ajuda a criança a ter consciência sobre o próprio corpo, a utilização da exploração de parques e *playgrounds* traz um desafio a mais para as crianças. Em 2019, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) divulgou um manual de Orientação denominado “Benefícios da Natureza no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes” (Fleury; Rodrigues

Silva, 2019) criticando a privação do movimento e relatando os benefícios de as crianças brincarem à céu aberto por pelo menos uma hora por dia, evidenciando que essa prática melhora o controle de doenças crônicas, favorece o desenvolvimento neuropsicomotor, equilibra os níveis de vitamina D, além de “fomentar a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança, a capacidade de escolha, de tomar decisões e resolver problemas, o que por sua vez contribui para o desenvolvimento de múltiplas linguagens e a melhora da coordenação psicomotora.” (Fleury; Rodrigues Silva, 2019, p. 5).

Mesmo nas instituições onde o brincar e o movimento das crianças bem pequenas é incentivado, por vezes acabam por engessar esse brincar priorizando brincadeiras dirigidas pelas adultas. O brincar espontâneo é essencial para o desenvolvimento pois através dele as crianças expressam-se e demonstram as interações sociais que presenciam.

Por brincar espontâneo entende-se aqui o envolvimento de crianças em atividades livres, escolhidas autonomamente por elas; portanto, atividades não dirigidas por um adulto. Embora o brincar deva ser promovido e orientado pelo professor / educador, não é decidido por ele. O papel deste professor seria então, diante deste brincar espontâneo, o de mediador, observador e potencializador. Assim, mediante a manifestação das crianças, caberia a este profissional a proposição de materiais e oportunidades para potencializar aquilo que a criança intenta, partindo da premissa observada de que a criança está recorrentemente buscando apreender o mundo e desenvolver-se corporalmente. (Saura, 2014, p. 163)

Em seu caderno de campo, Saura (2014) apresenta uma frase de Amanda Basani que resume como a professora pode agir ao apresentar brincadeiras dirigidas as crianças: não governamos as crianças, somos parceiras delas em suas atividades, soluções de conflitos, em seu aprendizado e desenvolvimento.

A brincadeira é a ação principal da criança; por meio dela a criança pequena se desenvolve, e o seu desenvolvimento governa as principais mudanças nos processos psíquicos e da personalidade. A brincadeira se realiza por meio de ações e são os movimentos que dão sentido a essas ações. O movimento constitui o suporte de toda a estruturação da atividade psíquica. Portanto, o movimento sendo trabalhado de forma intencional, inserido no contexto da brincadeira, torna-se uma categoria central no desenvolvimento da atividade da criança.

O desenvolvimento engloba todas as etapas da vida, e não apenas a infância, mas é no começo da vida em que são registrados seus principais marcos. Ou seja, a Educação Infantil é marcada por progressos contínuos da criança que refletirão por toda sua vida. Conforme a frase de José Saramago escolhida para a epígrafe deste estudo: “*O pai espiritual do homem que eu sou é a criança que eu fui*” (Aguilera, 2010, p. 28).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse Trabalho de Conclusão de Curso pude averiguar o quanto brincar e as experiências sensoriais que acontecem por meio do movimento são importantes para o desenvolvimento das crianças e, como privá-las de ou limitar seus movimentos é uma forma de discipliná-las e dominá-las. Ao contrário disto, o papel do(da) profissional da Educação é ser mediador(a) e companheiro(a) de exploração, descobertas e aprendizados.

As experiências das quais presenciei durante meu estágio e o período de observação, me trouxeram a confirmação de algo em que eu já acreditava. O fato de também ter vivido na minha infância a opressão do corpo e do movimento, confirmam como as possíveis consequências podem ser sérias e de muita gravidade para o desenvolvimento psíquico e motor de uma criança pequena. Por meio deste estudo, foi possível verificar que essa forma de punição/castigo – de proibir a criança de se expressar livremente com o próprio corpo, de brincar ou se mover – é frequente e preocupante dentro do ambiente escolar.

Um trabalho de conclusão de curso é insuficiente para responder à pergunta inicial abordada, porém aponta para o quanto é preocupante o quanto essas atitudes de opressão podem causar traumas difíceis de tratar futuramente numa criança, que deixa de brincar ou se expressar pelo fato de ter que obedecer a professora, que também pode estar condicionada por seus superiores na hierarquia escolar.

Vale a pena também ressaltar, que a criança ainda está em processo de formação plena e adquirindo conhecimentos comportamentais, emocionais e cognitivos na aprendizagem. Então é um período no qual é necessário que ela viva diversas experiências e momentos cotidianos de desenvolvimento de sua curiosidade, com base em interações seguras.

Considerando a cultura de repressão enraizada nos ambientes educacionais, inclusive os que atendem bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas, faz-se necessário uma reformulação da formação docente inicial e continuada. Para essa mudança a comunidade escolar, profissionais e famílias, podem requerer que as instituições de graduação tenham maior oferta de disciplinas de Arte, corporeidade e movimento expressivo nos cursos de licenciatura. Afinal, uma mudança poderá ter início quando os(as) profissionais em exercício profissional descobrirem outros modos de interação com as crianças, um pouco mais distantes da educação tradicionalista e autoritária, respeitando seus corpos e necessidades inerentes a cada faixa etária.

Além disso, as formações continuadas sobre os temas mencionados são essenciais para os(as) profissionais já formados(as) e atuantes das redes de ensino, para gestores(as) da

educação que coordenam e dirigem os ambientes escolares, como também para profissionais atuantes nas Secretarias de Educação das cidades e estados de nosso país. Afinal, a Educação é uma grande rede na qual cada pessoa, seja professor(a) ou outro profissional atuante no ambiente escolar, atua como um elo de conexão entre as crianças e as coisas do mundo, para a construção de experiências educacionais não somente dentro da sala de aula, mas também nos pátios, jardins e em outros territórios educativos.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Fernando Gómez (org.) **As Palavras de Saramago**: Catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BRITES, Luciana. **Brincar é fundamental**. 1ª edição. São Paulo: Gente, 2020.

CRAIDY, Carmem M., KAERCHER, Gládis E. **Educação Infantil**: Pra que te quero? [livro eletrônico]. Porto Alegre: Artmed Editora, 2007.

FLEURY, Laís; RODRIGUES SILVA, Luciana (coords.). **Benefícios da Natureza no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes**. Grupo de Trabalho em Saúde e Natureza. Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019. Disponível em: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/manual\\_orientacao\\_sbp\\_cen1.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/manual_orientacao_sbp_cen1.pdf) Acesso em: 22.dez.2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014.

GUIRRA, Frederico Jorge Saad; PRODOCIMO, Elaine. Trabalho corporal na educação infantil: afinal, quem deve realizá-lo?. **Motriz: rev. educ. fis.** (Online), Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 708-713, Set. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-65742010000300019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742010000300019&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06 Nov. 2019.

IZA, Dijnane Fernanda Vedovatto. **Quietas e caladas**: reflexões sobre as atividades de movimento com crianças na educação infantil. 2003. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2538>>. Acesso em: 17 Set. 2020.

IZA, Dijnane Fernanda Vedovatto; MELLO, Maria Aparecida. Quietas e caladas: as atividades de movimento com as crianças na Educação Infantil. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 283-302, Aug. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982009000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982009000200013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 08 Jun. 2019.

METZNER, Andreia Cristina. **Atividades de movimento na educação infantil**. 2004. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2553>> Acesso em: 21 Set. 2020.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Cartilha esclarecedora sobre a lei do estágio**: lei nº 11.788/2008 Brasília: MTE, SPPE, DPJ, CGPI, 2008. Disponível em: [miolo-cartilha-estagio-15x21.indd](http://miolo-cartilha-estagio-15x21.indd) (estagiarios.com) Acesso em: 04.janeiro.2024.

MONÇÃO, Maria Aparecida Guedes. Cenas do cotidiano na educação infantil: desafios da integração entre cuidado e educação. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 43, n. 1, p. 162-176, Mar. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/j/ep/a/cZL7VJDCJQQnL8rHP6Z3kBF/?lang=pt>>. Acesso em: 08 Jun. 2019.

OLIVEIRA, Josiane Cristina de. **Desde as marcas que carrego fico pensando: como a escola educa, mas também fere?** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba, Sorocaba, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13004> > Acesso em: 24 Ago. 2020.

OSTETTO, Luciana Esmeralda e MAIA, **Marta Nidia Varella Gomes**. Nas veredas do estágio docente: (re)aprender a olhar. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 22, 2019, p. 1-14. Caderno temático Estágio Curricular de Docência na Educação Infantil: Perspectivas e Práticas. Disponível em <http://www.uepg.br/olhardeprofessor> Acesso em: 21.dezembro.2023

RICHTER, Ana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Momentos do parque em uma rotina de educação infantil: corpo, consumo, barbárie. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 36, n. 3, p. 673-684, Dec. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/j/ep/a/BSrH7t9zSVYygxT9376kD9q/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 08 Jun. 2019.

RICHTER, Ana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre a tutela dos corpos infantis na rotina alimentar da creche. **Cad. Pesqui.** São Paulo, v. 41, n. 143, p. 486-501, Aug. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/j/cp/a/QBTnqwJ6zMrtCnY9yqdvG/?lang=pt>>. Acesso em: 08 Jun. 2019.

SAURA, Soraia Chung. O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante. **Rev. bras. educ. fís. Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 163-175, Mar. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/j/rbefe/a/KT3JS89J3dKdcB5wrmsrj7f/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 08 Jun. 2019.

SANTOS, A. C. R. F. dos; LIRA, A. C. M. Disciplinar e constranger: o corpo-criança e seu (não) lugar nas instituições educativas. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 45, n. 3, p. 906–922, 2021. DOI: 10.5216/ia.v45i3.64193. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/64193>. Acesso em: 25 jan. 2024